

COTIDIANOS ESCOLARES E REDES EDUCATIVAS

*Rafaela Rodrigues da Conceição
Erica Amaral de Oliveira*

No corre-corre dos recreios: redes educativas que se embolam em sorrisos, gritos e cheiros nos cotidianos escolares

Entre os embolados de nossas redes educativas, as quais formamos e que nos formam (Alves, 2019), em diferentes *'espaçostempos'* das escolas, nos damos conta das minúsculas que embelezam as artes de “*serviver*” nos cotidianos com as crianças. Esse embaraço que não dita mais onde o *'ensinaraprender'* deve estar, - no presencial em sala de aula, nos pátios, refeitórios, bibliotecas, jardins, nas ruas ou até mesmo no online -, cortando, mesmo antes, mas com maior ênfase, na pandemia COVID 19, o laço com um ensino forjado em retângulos ou quadrados, com quadro, giz, mesas e cadeiras. Assim, trazemos os pátios, o recreio, intervalo, enfim, momento nomeado de diferentes maneiras para o horário do lanche onde as crianças não tem uma atividade dirigida. Entre essas ambiências nas escolas que *'espaçostempos'* se estreitam e se embolam nos corre-corre de nossas redes educativas que criam, conversam e se entrelaçam em atos educativos.

Estranhamente a sala de aula com suas janelas por vezes gradeadas, cadeiras enfileiradas, portas fechadas, barulhos de ventiladores ou ar condicionados pingando, instigam sensações, odores, comportamentos que demandam possibilidades outras para experienciar relações coletivas. Os remexos nas cadeiras, o lápis batendo nas mesas, as folhas de desenho escondidas embaixo do caderno, os bilhetes secretos e muitas outras situações, nos fazem crer que tanto existe resistência como criação em ambientes “controlados”.

Diferente acontece nos recreios, pátios, jardins, brinquedos e brincadeiras onde o transbordar transcende para uma outra escola. Ainda criativa e resistente com seus entraves onde as crianças se organizam, discutem, conversam e negociam os *'espaçostempos'* das brincadeiras, seja sendo juízes de regras e modificadora de formatos

diversos do brincar, dialogar e se encontrar entre seus pares. Uma de nós, vivenciou a ideia de recreio mediado por rodízio de professoras que ficavam a cargo de observar as andanças das crianças nesses horários. Todavia, como também era um momento de intervalo para os professores, foi posto coletivamente a opção de designar uma única professora para estar nesse momento que, em contrapartida, teria seus tempos em sala de aula reduzidos. O interessante foi que muitas professoras se candidataram para o posto. Esse fato nos instigam a algumas indagações como: Porque não transformar esse pátio, essa alegria, risos, sons e brincadeiras em momentos em sala ou qualquer outro ambiente da escola? Porque o recreio acaba sendo o momento de êxtase para as crianças? Porque as professoras, preferiram ficar nesse momento senão na sala de aula?

Entre barulhos de falas misturadas, risadas e ações autorais, as linhas de comportamento são atrativas aos grupos que admiram ou tem a necessidade de se alimentar da distribuição e troca de conhecimentos que falam a mesma linguagem sem ser técnica. É o momento de colocar em ação e expandir os conceitos absorvidos em diversos espaçotempos. As culturas se encontram e a troca de experiências transforma o ambiente em uma riqueza de experiências. Dentre as inúmeras compreensões uma a se esperar, pode ser que nos recreios se formam núcleos como imãs, estabelecendo conexões inconscientes e extremamente atrativas. O mais belo momento de *'práctateoria'*, nem pré ou pós processo teórico guiado. É nesse momento que cada um pode extravasar e absorver os diferentes sabores, cheiros, afetos, entregando ao outro o que é seu e somando os *'conhecimentossignificações'* que transbordam nos outros.

Somos assim, todos os dias, os mesmos fenotipicamente nos *'espaçotempos'* da escola, recebemos as mesmas crianças que carregam consigo, a cada momento, novos palcos, ensaios, anseios, a cada acordar seu conhecimento se renova. Elas evoluem cada segundo a partir de suas rede de convivência que transforma um processo simples de socialização, numa troca de "pólens", enriquecendo suas redes educativas.

Referências

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In Alves, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019

Sobre as autoras:

Rafaela Rodrigues da Conceição é doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPG-EDU) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pedagoga pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua como docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede particular de ensino e no Colégio Pedro II. Integrante do GrPesq “Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons” da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: prof.rafaelarodrigues@gmail.com

Erica Amaral de Oliveira é pedagoga pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Escritora e Produtora Cultural Atua como Coordenadora Pedagógica e Dirigente do projeto 45GERJ. E-mail: acirelarama@gmail.com